

DOSSIÊ

A PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A CRISE POLÍTICA NO PROGRAMA *PROFISSÃO REPÓRTER*

Copyright © 2017
SBPjor / Associação
Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

KALLIANDRA QUEVEDO CONRAD
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

NATÁLIA MARTINS FLORES
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

MARIA IVETE TREVISAN FOSSÁ
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

DOI: <http://dx.doi.org/10.25200/BJR.v13n2.2017.1008>

RESUMO – Analisamos a produção de sentidos sobre a crise política brasileira no programa *Profissão Repórter*, da Rede Globo. A partir dos Estudos Críticos do Discurso e da Teoria Social do Discurso, de Fairclough (2016), nos focamos nas estratégias discursivas utilizadas pelo programa na edição *Crise Política* (6/04/2016). O uso das categorias de análise de vocabulário, controle interacional e intertextualidade permitiu localizarmos regionalizações de sentido nas posições de sujeito petista, sujeito trabalhador e sujeito manifestante. O sujeito petista estabelece uma relação antagônica com o sujeito manifestante e é marcado pelos sentidos de conflito, tensão e medo. O sujeito manifestante é construído pelos sentidos de respeito, educação, defesa da pátria e luta contra a corrupção. O sujeito trabalhador aparece numa região intermediária, não sendo vinculado aos protestos. O discurso silencia os significados de “impeachment” e “golpe”, eximindo-se de abordar a complexidade da crise política brasileira.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Produção de sentidos. Jornalismo. Crise política. Profissão Repórter.

LA PRODUCCIÓN DE SENTIDOS SOBRE LA CRISIS POLÍTICA BRASILEÑA EN EL PROGRAMA *PROFISSÃO REPÓRTER*

RESUMEN – Analizamos la producción de sentidos sobre la crisis política brasileña en el programa *Profissão Repórter*, da Rede Globo de Televisión. A partir de los Estudios Críticos del Discurso y de la Teoría Social del Discurso, de Fairclough (2016), nos centramos en las estrategias discursivas utilizadas por el programa en la edición de *Crisis Política* (06/04/2016). El uso de las categorías de análisis de vocabulario, control interactivo e intertextualidad nos ha permitido localizar regionalizaciones de significado

en torno de posiciones de sujetos de sujeto PT, sujeto trabajador y sujeto manifestante. El sujeto PT establece una relación antagonónica con el sujeto manifestante y está marcado por significados de conflicto, tensión y miedo. El sujeto manifestante se construye a partir de sentidos de respeto, educación, defensa nacional y lucha contra la corrupción. El sujeto trabajador aparece en una región intermedia, al no estar relacionado con las protestas. El discurso silencia los significados de "impeachment" y "golpe", eximiendo se a abordar la complejidad de la crisis política brasileña.

Palabras clave: Análisis del discurso. Producción de sentidos. Periodismo. Crisis política. *Profissão Repórter*.

THE MEANING PRODUCTION ABOUT BRAZILIAN POLITICAL CRISIS IN *PROFISSÃO REPÓRTER* TV PROGRAM

ABSTRACT – We analyze the production of meanings of the Brazilian political crisis in the Rede Globo television program *Profissão Repórter*. Based on the Critical Discourse Studies and Social Theory of Discourse, of Fairclough (2016), we focus on the discursive strategies used by the program in its edition of Political Crisis (04/06/2016). The use of analysis categories of vocabulary, interactive control and intertextuality allowed us to locate regionalizations of meanings that form a Workers Party (PT) subject position, a worker subject position and a protester subject position. The Workers Party subject establishes an antagonistic relation with the protester subject and marks itself by conflict, tension and fear meanings. The protester subject is built by respect, education, defense of the motherland and fight against corruption meanings. The worker subject appears in an intermediate region, not linked to the protests. The discourse silences the meanings of "impeachment" and "coup", and, therefore, avoids addressing the complexity of the Brazilian political crisis.

Key words: Discourse Analysis. Production of meanings. Journalism. Brazilian Political Crisis. *Profissão Repórter*.

1 Considerações iniciais

O jornalismo constitui-se em um dos principais espaços para a construção de sentidos sobre o mundo capaz de (re)construí-lo com pluralidade e dignidade. Essa prática sociodiscursiva é responsável por representar a realidade social e o Outro, assumindo uma posição de mediação entre acontecimentos e cidadãos. Para construir seus discursos, a prática jornalística utiliza-se de estratégias, a seleção de diversas fontes e representação de diferentes pontos de vista. Nesse processo, o discurso jornalístico vai tecendo sentidos sobre diferentes assuntos pertinentes à vida social, a partir de seus enquadramentos privilegiados.

Essa produção singular de sentidos pôde ser observada na cobertura jornalística da mídia brasileira sobre a crise política do país, cujo ponto culminante foi o processo de impeachment da

ex-presidenta Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT), votado pelo Congresso Federal em 31 de agosto de 2016. A crise política, marcada pelo recrudescimento das rivalidades entre o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), começou a se configurar ainda nas eleições de 2014, na qual Dilma foi reeleita. Tradicionalmente moldado como um partido de centro-esquerda brasileiro, o PT estava já no poder do executivo há 12 anos, desde a eleição para presidente de Luís Inácio Lula da Silva, em 2002. Nesse período, o governo fez avançar programas sociais atendendo demandas da população pobre do país, historicamente ignoradas pelos governos federais. Nos últimos anos, esse modelo de governo proposto pelo PT passou a ser questionado por parcela da população brasileira e pelo partido opositor de direita, o PSDB. Esse questionamento expressou-se no resultado da votação de 2014, cuja disputa foi a mais acirrada desde as eleições de 1989. Dilma venceu apenas no segundo turno das eleições, com 51,64% dos votos, contra 48,36% do candidato do PSDB, Aécio Neves.

A contraposição ao governo se fortaleceu com a vitória do PT nas urnas. Os partidos de oposição alegaram que esse partido havia cometido crimes de responsabilidade fiscal na gerência dos seus programas sociais, o que provocou uma crise econômica. Respalhando-se nessa perspectiva econômica, a partir de 2015, a oposição iniciou uma campanha no Congresso Federal para minar a governabilidade do PT, não aprovando os projetos de lei do executivo. A oposição na Casa fortaleceu-se devido à bancada do partido na Câmara dos Deputados ter sido reduzida nas eleições, passando de 88 para 70 deputados. A eleição do deputado Eduardo Cunha (PMDB), opositor político ferrenho de Dilma, para a presidência da Câmara, em 1 de fevereiro de 2015, apenas agravou o cenário.

O clima de impopularidade e instabilidade se refletiu em 32 pedidos de impeachment contra a presidenta Dilma Rousseff protocolados na Câmara dos Deputados, de 2012 a 2015¹. Em 2 de dezembro de 2015, Eduardo Cunha aceitou o pedido de impeachment protocolado pelos advogados Hélio Bicudo, Miguel Reale Júnior e Janaína Paschoal. No documento, argumentam que o governo havia operado “pedaladas fiscais”, atrasando repasses a bancos públicos a fim de cumprir as metas parciais da previsão orçamentária. Essas práticas, segundo eles, teriam se estendido também durante o

segundo mandato da presidenta, o que justificava o processo de impeachment (*ZERO HORA*, online).

Nos meses anteriores à votação do impeachment no Congresso, as ruas das cidades brasileiras foram tomadas por milhares de manifestantes, mostrando apoio ou repúdio à saída da presidenta do governo. A mídia brasileira também entrou nesse jogo de instabilidades. Segundo mostra Teun Van Dijk, as Organizações Globo assumiram um papel central de manipulação da opinião pública a favor do golpe, deslegitimando de maneira sistemática a presidenta Dilma, o ex-presidente Lula e o PT no jornal *O Globo* e no noticiário *Jornal Nacional*, cuja audiência é a mais alta no país (Van Dijk, online).

Neste artigo, analisamos os sentidos produzidos sobre a crise política brasileira no programa *Profissão Repórter*, da Rede Globo de Televisão. Considerada a maior emissora do Brasil, a Rede Globo pertence ao conglomerado midiático das Organizações Globo. Seu alcance chega a 98,6% dos municípios do território brasileiro (Brasil, 2014). Ela representa, assim, a concentração midiática e o poder que a televisão possui de dizer o que diz no contexto brasileiro. O *Profissão Repórter* destaca-se na sua grade de programação por tratar de temas sociais a partir de um olhar jornalístico, tangenciando uma perspectiva de cidadania e de representação do Outro. Interessa-nos compreender como o programa tematiza a crise política dada a sua posição discursiva ambígua, de pertencer a uma estrutura midiática comercial e, ao mesmo tempo, abordar causas sociais. Sob o enfoque dos Estudos Críticos do Discurso e, especificamente, da proposta metodológica de Norman Fairclough (2016), apresentamos a análise discursiva da edição *Crise Política*, que foi ao ar no dia 6 de abril de 2016, alguns meses antes do impeachment, quando as animosidades político-ideológicas estavam latentes na sociedade brasileira.

Sobre os procedimentos metodológicos

O processo analítico utilizado para investigar a configuração discursiva do *Profissão Repórter* busca desconstruir/reconstruir o percurso de sentidos delineado pelas estratégias discursivas do programa. Observadas a partir das lentes da Análise Crítica do Discurso (ACD), as pistas discursivas dessa materialidade podem

dar suporte para compreendermos como seu discurso tematiza a crise política brasileira.

A Análise Crítica do Discurso (ACD) concebe o discurso como “um modo de ação”, de “representação” e de “agir sobre o mundo” que se relaciona de maneira dialética com a estrutura social (Fairclough, 2016). Em Fairclough (2016), essas relações discursivas e sociais ganham corpo a partir da Teoria Social do Discurso, que propõe uma abordagem tridimensional do discurso, visto como texto, prática discursiva e prática social. Essa conjunção permite trabalhar com textos que envolvem um problema social a partir de aspectos semióticos, inter-relacionando inscrições textuais ao seu contexto social. No nosso caso, a ACD possibilita compreender as relações entre a construção discursiva do *Profissão Repórter* e as práticas sociais que sustentam suas representações.

O *Profissão Repórter* é um programa jornalístico semanal da Rede Globo, exibido na grade de programação da emissora nas noites de quarta-feira e disponibilizado, posteriormente, no site *Globo.com*. Com duração aproximada de 35 minutos, sua narrativa pretende mostrar os bastidores do trabalho jornalístico, tendo como atores uma equipe de repórteres iniciantes comandada pelo jornalista e editor Caco Barcellos. Repórter experiente, com mais de 20 anos de atuação na Rede Globo, Caco possui uma trajetória relacionada ao jornalismo investigativo e aos direitos humanos. Nos livros-reportagem *Rota 66* (1992) e *Abusado* (2003), que lhe renderam o Prêmio Jabuti de Literatura (<http://memoriaglobo.globo.com>), o repórter denunciou a violência policial em São Paulo e o tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Na Rede Globo, Caco produziu reportagens sobre os desaparecidos políticos, a Ditadura Militar de 1964, o massacre no Carandiru e a Guerra Civil Angolana. Esse eixo temático, de retratar o ponto de vista de minorias por meio da investigação jornalística, parece conduzir também as reportagens produzidas no programa *Profissão Repórter*, cuja história e configuração discursiva segue a trajetória profissional e o perfil do seu idealizador. Em 2016, o programa completou 10 anos de exibição, colecionando no seu rol pautas de interesse público, como refugiados, presídios, analfabetismo, entre outros.

A narrativa do programa mostra os repórteres como caçadores da notícia, entrevistando pessoas envolvidas com os temas

da pauta. Essa construção resgata elementos do *ethos* do repórter da TV Globo investigados por Benetti e Gadret (2017). Segundo as falas de repórteres sobre o fazer jornalístico analisadas pelas pesquisadoras, o “bom jornalista” e o “bom repórter” seriam moldados por atributos ligados à “experiência, a curiosidade, a humildade, a credibilidade, a responsabilidade social e o amor à profissão” (Benetti & Gadret, 2017, p. 67). Além dessas características, as falas apontam o bom repórter como aquele sujeito que “gosta de estar na rua e em contato com as pessoas, sabe ouvir e fazer denúncias, corre risco de ser ameaçado em função de pautas incômodas, come mal, tem uma vida dura e perigosa, mas sabe divertir-se em meio às dificuldades da profissão” (Benetti & Gadret, 2017, p.69). Esse perfil é reiterado pelo discurso do *Profissão Repórter*, cujo mote principal é o de mostrar “os desafios da reportagem”, retratando as interações entre repórteres e fontes na busca por informações.

O programa possui uma gama de significados complexos relacionados à ideologia do veículo e dos sujeitos que fazem parte da sua estrutura organizacional. A produção de suas reportagens é permeada por constrangimentos, interesses e valores em conflito, que conformam a organização midiática como um todo. Sob essa perspectiva, entendemos que, embora a Rede Globo tenha a pretensão de reproduzir um discurso uno e dominante ao seu público, a multiplicidade de sujeitos que a compõe admite contornos multidiscursivos. Torna-se, portanto, um espaço político onde são travadas disputas simbólicas de sentido para (re)apresentar os acontecimentos sociais.

Uma vez que o *Profissão Repórter* apresenta grandes reportagens, marcadas por uma estrutura conversacional entre entrevistador e fontes, selecionamos algumas categorias analíticas para investigar as estratégias discursivas, cujas “formas e significados textuais [estão] associados a maneiras particulares de representar, de (inter)agir e de identificar(-se) em práticas sociais situadas” (Ramalho & Resende, 2011, p. 112). Nesse sentido, optamos pelas seguintes categorias: vocabulário (a criação de palavras); controle interacional (tomada de turno, estrutura de troca, controle de tópicos e policiamento de agendas); e intertextualidade (pressuposição e negação) (Fairclough, 2016). Elas se mostraram mais recorrentes na edição selecionada em detrimento de outras categorias sugeridas por Fairclough (2016).

A categoria vocabulário relaciona-se à forma como uma

mesma palavra pode adquirir diferentes significados, expandindo o sentido denotativo dos dicionários. Os dicionários funcionam como estabilizadores dos sentidos, mas não os restringem, já que as palavras assumem múltiplos sentidos dependendo dos contextos sociais de uso. Mapear os processos de criação de palavras seria uma forma de “entender o *uso da linguagem como prática social* [...] como um modo de ação historicamente situado, que é constituído socialmente, mas também é constitutivo de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença” (Ramalho & Resende, 2004, p. 189, grifo nosso). Dessa categoria, deriva o processo de nominalização, um tipo de lexicalização caracterizado pela criação de novos itens lexicais, capazes de gerar novos efeitos de sentido (Fairclough, 2016).

A categoria controle interacional foca-se nas relações sociais e relações de poder que se instauram entre os participantes de uma determinada situação de comunicação. Segundo Fairclough (2016), “a investigação do controle interacional é, portanto, um meio de explicar a realização e a negociação concretas das relações sociais na prática social” (p. 200). Esse mecanismo discursivo inclui a tomada de turno, a estrutura de troca, o controle de tópicos e o policiamento de agendas, sendo “uma dimensão da estrutura textual” (Fairclough, 2016, p. 181) com a qual podemos identificar como as identidades e relações sociais são construídas no texto.

Por fim, aparece a categoria de intertextualidade. Segundo Ramalho e Resende (2011), essa constitui-se em uma “categoria analítica acional, pois é um traço textual moldado por gêneros [...] [que] articulam vozes de maneiras específicas” (p. 133). Essas vozes se manifestam, por exemplo, pela pressuposição e pela negação, categorias utilizadas nessa análise. A pressuposição é uma proposição implícita, produzida por meio da anexação de outros textos. De outro modo, as frases negativas “carregam tipos especiais de pressuposição que também funcionam intertextualmente, incorporando outros textos somente para contestá-los ou rejeitá-los” (Fairclough, 2016, p. 163). Definidas as categorias, a seguir apresentamos a nossa análise.

A crise política brasileira pelo olhar do programa

Profissão Repórter

Na edição *Crise Política*, de 6 de abril de 2016, os repórteres do programa e o jornalista e editor Caco Barcellos tematizaram as manifestações a favor e contra o processo de impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff. Uma dessas tematizações foi a cobertura do depoimento do ex-presidente Lula à Polícia Federal sobre seu envolvimento nas investigações da Operação Lava Jato, deflagrada em março de 2014 pelo Ministério Público Federal (MPF) para investigar a movimentação de recursos ilícitos por organizações criminosas. Na cena inicial, que encena os bastidores do programa, a repórter Maiara Teixeira comenta com Caco Barcellos como foi acompanhar o depoimento de Lula no aeroporto e, posteriormente, a coletiva de imprensa realizada no Diretório Nacional do PT.

A representação de Lula, os depoimentos e as manifestações sobre o impeachment de Dilma sugerem a demarcação de uma posição discursiva para o PT, vinculada a uma determinada identidade, a relações sociais e sistemas axiológicos precisos. Esses elementos correspondem às funções identitária, relacional e ideacional da linguagem. A função identitária molda a “construção de identidades sociais e posições de sujeito contribuindo para os sujeitos sociais e os tipos de eu”; a função relacional, as “relações sociais entre as pessoas” e a função ideacional, os “sistemas de conhecimento e crença” (Fairclough, 2016, p. 96).

Focando-nos na função ideacional, percebemos que o espectro de sentidos produzidos sobre o PT está relacionado a léxicos como “conturbada”, “dificuldades”, “irresponsável”, “assustada”, “hostilidade”, “vergonha” e “medo” (Exemplos 1, 2 e 3): Essas marcas discursivas, presentes nas falas da repórter Maiara e do Caco Barcellos, conduzem à construção de uma identidade do partido atrelada a um cenário de violência e hostilidade.

[Exemplo 1]: [Bastidores] A primeira gravação já foi um pouco **conturbada**. (...) Eu fui acompanhar, né, **tentar registrar** essa coletiva de imprensa, **mas**, na **minha tentativa de registrar** essa coletiva eu tive algumas **dificuldades** (...) Começaram a perguntar **de onde eu era**. Nesse momento eu comecei a ser **hostilizada** (...). (Fala da repórter Maiara Teixeira, *Profissão Repórter*, 06/04/2016, 3min 12seg, grifos nossos).

[Exemplo 2]: [Off] Edva que está bem na minha frente pede calma. Ela **tentou impedir que alguns militantes do PT quebrassem a minha câmera**. Eu já estava **muito assustada** nessa hora, tentando me controlar e aí **alguns militantes do PT** [...] subiram no prédio atrás de mim pra

tentar me ajudar. (Fala da repórter Maiara Teixeira, *Profissão Repórter*, 06/04/2016, 6min e 11seg, grifos nossos).

[Exemplo 3]: [Bastidores] **Bastante irresponsável** você **hostilizar** no meio de uma multidão. A gente sabe que uma multidão pode se transformar em uma **ação incontrolável. Bastante irresponsável.** (Fala do repórter e editor Caco Barcellos, *Profissão Repórter*, 06/04/2016, 5min 59seg, grifos nossos).

As inserções dos repórteres Caco Barcellos e Maiara na narrativa do *Profissão Repórter* remetem à demarcação da identidade de jornalista e de uma relação com o outro, representado na figura do entrevistado. Uma das estratégias utilizadas pelo programa refere-se ao controle interacional, presente na posição que os jornalistas assumem na realização de suas reportagens. Como propriedade analítica do texto, essa categoria inclui a tomada de turno, a estrutura de troca, o controle de tópicos, o controle de agendas e a formulação (FAIRCLOUGH, 2016).

Os sistemas de tomada de turno funcionam como regras que orientam, coordenam e mantêm as interações sociais, organizando as iniciativas de fala – quem pode dizer e quando é permitido dizer. Essa categoria possibilita observar que há uma relação entre “poderosos (P)” e “não-poderosos (N-P)” cujas possibilidades são: “(1) P pode escolher N-P, mas o inverso não é possível; (2) P pode escolher a si mesmo(a), mas N-P não pode; (3) e o turno de P pode ser estendido a qualquer número de pontos de completude possível” (Fairclough, 2016, p. 201).

As estruturas de troca manifestam-se pelos “ciclos pergunta-resposta-avaliação [...] no sentido de uma padronização recorrente dos turnos dos diferentes participantes” (Fairclough, 2016, p. 201). A tomada de turno constrói uma estrutura conversacional entre os participantes da interação social ao estabelecer quem tem o poder de fala.

Outra forma de controle interacional consiste no controle de tópicos e de agendas. O controle de tópicos determina em quais “caminhos” uma interação será conduzida. Os tópicos são elementos pontuais nos quais o sujeito que os controla detém o poder de introduzi-los. Ao controlar esses tópicos também é possível coordenar uma agenda pré-estabelecida que orienta a interação entre os “poderosos” e os “não-poderosos”. Pode-se estabelecer uma relação de avaliação de enunciados entre os sujeitos em interação, processo considerado por Fairclough (2016) como “uma forma poderosa de

policar agendas” (p. 205).

Os jornalistas, na função de repórteres, representam o papel do jornalismo de informar o cidadão, pautados pelos valores de objetividade e imparcialidade. Historicamente vinculados à profissão jornalística, esses valores são reforçados pelo discurso do programa, a partir da estratégia de se recorrer a múltiplas fontes, ouvindo manifestantes a favor e contrários ao impeachment. Outra estratégia desse discurso consiste na autorreferenciação, na qual os próprios enunciadores transformam a sua prática em objeto do seu dizer. No programa, os repórteres falam sobre a sua atividade, demarcando a sua posição legítima de fornecedores de informação. Essa posição discursiva é simbolizada pelo episódio em que a repórter Maiara Teixeira é “hostilizada” por militantes do PT. Nesse momento, não apenas o jornalista é interdito de seu fazer profissional, mas o jornalismo, enquanto instituição legítima de produção de informação, também o é.

Para restaurar o sistema de tomada de turno (FAIRCLOUGH, 2016), Caco Barcellos enuncia os fatos apresentados pela repórter com um tom de seriedade e de julgamento sobre a conduta dos militantes petistas. Faz parte da estratégia discursiva do editor de se mostrar nos bastidores do programa para analisar os desafios enfrentados pelo repórter no fazer jornalístico. A identidade do *Profissão Repórter* constrói-se a partir dessa lógica, já que o contrato com o público consiste em mostrar os desafios da profissão jornalística.

A estratégia de autorreferenciação aparece também na fala de Caco Barcellos ao se referir às dificuldades enfrentadas pela repórter Maiara na cobertura da coletiva de imprensa do ex-presidente Lula [exemplo 4]:

[Exemplo 4]: É muito difícil imaginar que num dia tão importante como esse, um dia histórico...um repórter não esteja ali (...). É um fato de grande relevância, né, impossível a gente não fazer parte dessa cobertura. (Caco Barcellos, jornalista e editor, *Profissão Repórter*, 06/04/2006, 3min 52seg, grifos nossos).

No programa analisado, as coberturas das manifestações a favor e contra o governo foram produzidas com elementos narrativos similares. Ambas foram representadas por seus militantes, cujas ações durante os protestos foram acompanhadas pelos repórteres Maiara Teixeira e Estevan Muniz. A estratégia de controle de tópicos

e de agendas conformou o modo de organização do discurso sobre as manifestações durante a “crise política”. Com essa estratégia o programa estabelece pontos de intersecção entre os manifestantes contra e a favor do governo, construindo para o telespectador um mapa comparativo de acompanhamento desses protestos. Desse modo, temos acesso à posição político-partidária das militantes entrevistadas, à sua conjuntura pessoal e à organização dos protestos.

Nas manifestações a favor do governo Dilma, a principal fonte foi Edva Aguiar, enfermeira aposentada, que assume a posição de sujeito petista no programa. Essa posição sugere um nexos relacional com os léxicos que envolveram a repórter Maiara ao relatar as dificuldades para realizar a cobertura da coletiva de imprensa de Lula. Além disso, o conceito de militância de Edva está ligado aos sentidos ideacionais de emoção, comprometimento com a causa do PT, democracia e justiça.

O percurso de sentidos que vai se configurando a partir da militante Edva estabelece, implicitamente, uma relação com o episódio inicial do programa em que a repórter foi “hostilizada” por militantes do PT e com o clima “tenso” e “conturbado” durante o depoimento do ex-presidente Lula à Polícia Federal. Os exemplos 5, 6 e 7 evidenciam essa construção de sentidos:

[Exemplo 5]: [Off] **Esse dia** já tinha começado **tenso** com a notícia de que o ex-presidente Lula foi levado para depor na Polícia Federal (...). O ex-presidente **Lula está aqui**. Ele prestou depoimento por **três horas**. Esse aqui é o **primeiro grupo de policiais** na entrada do aeroporto. (Fala da repórter Maiara Teixeira, *Profissão Repórter*, 06/04/2016, 4min 9seg, grifos nossos)

[Exemplo 6]: [Off] Eu já estava **muito assustada** nessa hora, tentando me controlar e aí **alguns militantes do PT** subiram no prédio atrás de mim pra **tentar me ajudar**. (Fala da repórter Maiara Teixeira, *Profissão Repórter*, 06/04/2016, 6min 30seg, grifos nossos)

[Exemplo 7]: A gente tá indo encontrar, então, duas das mulheres que **me ajudaram durante o depoimento do Lula**. Essa aqui é uma manifestação na Paulista (...). (Fala da repórter Maiara Teixeira, *Profissão Repórter*, 06/04/2016, 15min 25seg, grifos nossos)

A estratégia de controle de tópicos e de agendas mostra-nos que o significado atribuído à figura de Lula durante o depoimento relaciona-se a escolhas lexicais que configuram um contexto criminoso, uma vez que os enunciados se referem à “Polícia Federal”,

“grupos de policiais” e depoimento de “três horas”, pressupondo que havia declarações substanciais a serem feitas pelo ex-presidente sobre os acontecimentos ilícitos da Lava Jato. E, durante os protestos, quem assume uma posição de destaque no palco da manifestação é o ex-presidente Lula.

É possível apreender, diante disso, que o ex-presidente assume a posição de líder e referência para os manifestantes contra o impeachment. Lula aparece revestido de sentidos contraditórios e heterogêneos, posto que os valores de integridade, admiração e ética que seriam reconhecidos em um líder político são atualizados pela conexão de sentidos que o programa sugere ao apresentar, de modo precedente, o ex-presidente em uma posição de descrédito e ilegalidade.

Wodak (2004) afirma que “[...] a linguagem da mídia de massa é detalhadamente analisada como um espaço de poder, de lutas, e também como um espaço onde a linguagem é aparentemente transparente” (p. 231). É possível pensar que o significado do contexto imediato de produção de sentidos sobre a militante petista e Lula são atualizados durante as manifestações por novos sentidos ideacionais postos em tensão na construção da reportagem.

Embora pretenda um efeito de transparência diante do público, por meio das estratégias de autorreferencialidade, o programa deixa rastros tácitos de que há uma relação de efeito de sentidos entre a posição discursiva de Lula e de Edva, a militante do PT. Essa relação é acionada quando Lula é apresentado na reportagem em uma posição de destaque e aclamação nas manifestações pró-Dilma por parte dos petistas (como Edva), sendo que, em outro momento do programa, é representado, no contexto do depoimento à Polícia Federal, como acusado por cometer crimes de corrupção.

Já em outro momento da narrativa do programa, o repórter Estevan Muniz, que se dedicou à cobertura das manifestações a favor do impeachment, também selecionou como protagonista uma militante. Carla Zambelli é gerente de uma empresa de auditoria e militante do movimento *Nas Ruas* que iniciou um acampamento na Avenida Paulista, em São Paulo, em frente à Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), entidade apoiadora do impeachment. O repórter acompanhou essas manifestações e retratou a organização do “movimento contra a corrupção” (exemplo 8):

[Exemplo 8]: [Off Repórter] Carla diz que espera a liberação

do INSS pra voltar ao trabalho. Enquanto isso, ela se dedica aos protestos. Carla conta que a **militância** começou em 2011 no **caso de corrupção** envolvendo a deputada federal Jaqueline Roriz, do Partido Democrata.

[Sonora militante] E os colegas dela absolveram a Jaqueline Roriz e com votação secreta. E eu achei aquilo um **absurdo tão grande, tão grande...**e aí a gente começou um **movimento contra corrupção**, primeiro contra o DEM, depois a gente começou a pegar um pouco o **PT no Mensalão**. Depois veio o Mensalão do **PSDB, também**. (*Profissão Repórter*, 06/04/2016, 14min 34seg, grifos nossos)

Ao realizar um gesto interpretativo, percebemos que a posição discursiva assumida pela militante a favor do impeachment está ancorada em valores de anticorrupção, de luta política por direitos e de participação. Eles compõem um cenário pré-discursivo que sedimentou tais valores como reconhecidos e legítimos para a sociedade. A partir de Fairclough (2016), torna-se interessante apontar que “a constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se para elas” (p. 97).

Entre manifestantes contra e a favor do processo de *impeachment*, o repórter Erik Von Poser entrevista trabalhadores na zona leste de São Paulo a fim de saber por que não participaram das mobilizações. Com a finalidade de colher opiniões sobre a crise política, o repórter vai até o bairro Cidade Tiradentes, local onde Dilma Rousseff teve a maior votação durante as eleições presidenciais de 2014.

Expressas pelas estratégias de intertextualidade, as marcas discursivas que emanam dessas narrativas colocam os trabalhadores entrevistados em uma posição de quem está à margem dos processos de mobilização. Compreendemos a estratégia de intertextualidade como aquela que “[...] toma os textos historicamente, transformando o passado – convenções existentes e textos prévios – no presente” Fairclough, 2016, p. 119).

A escolha das palavras das questões feitas aos trabalhadores sobre a crise política parece direcionada a favorecer uma determinada construção da realidade – entendimento corroborado pela citação a seguir:

Discursos são representações distintas da vida social derivadas das posições assumidas. Atores sociais posicionados de modos diversos a “veem” e representam de maneiras diferentes, em

discursos plurais. Assim, as vidas das pessoas pobres ou com privações são representadas diferentemente nos discursos governamentais, nas políticas, na medicina, nas ciências sociais, além de variar no interior destas mesmas práticas, em função das diferentes posições assumidas pelos atores sociais. (FAIRCLOUGH, 2010, pp. 226-227).

O repórter Erik Von Poser se utiliza da estratégia de nominalização para dar significado à crise política brasileira. Inserida na categoria de vocabulário, ela ocorre quando a elasticidade dos significados das palavras faz com que essas oscilem entre certo “grau de fixidez e estabilidade”; ou produzam “novos itens lexicais” (Fairclough, 2016, p. 246). Se as palavras podem assumir significados diversos, entendemos o processo de nominalização como a seleção de um significado em uma dada situação para produzir determinado efeito de sentido.

Ao nominalizar a crise política, o repórter Erik Von Poser utiliza os sintagmas “confusão política” e “manifestações recentes contra e a favor do governo”, o que, de certa forma, prenuncia as respostas dos entrevistados. Acreditamos que o discurso do programa posiciona esses “trabalhadores de baixa renda”, em um lugar social e simbólico excluído das práticas de cidadania, embora tenham suas concepções e opiniões. As sequências de perguntas e respostas se moldam como um jogo de sentidos em que os valores do veículo midiático atravessam a narrativa do programa.

Estas são tão-somente **estratégias dissimulatórias** de que o produtor do discurso faz uso para autorizar a fala do outro; modos, podemos assim dizer, de este sujeito se apropriar da legitimidade que lhe é outorgada para então parafrasear o outro. (Resende, 2012, pp. 57-58, grifos nossos).

Nos enunciados dos sujeitos trabalhadores é possível encontrar pistas de intertextualidade a partir da estratégia de negação. Os entrevistados, ao serem questionados se participaram ou não das manifestações, respondem, à exceção de uma pessoa, que não puderam participar. Esses enunciados negativos carregam, implicitamente, outro texto, relacionado aos motivos da não participação e representado pelos sintagmas “não gosto disso, não”, “tenho medo” e “tava trabalhando”.

O estado de medo pode condicionar a uma leitura específica do telespectador uma vez que, ao acionar a memória dos acontecimentos, poderá fazer relação com a “confusão” e

“hostilidade” sofrida pela repórter Maiara Teixeira no início do programa. Nos exemplos 9, 10 e 11, trazemos a intertextualidade identificada no texto midiático.

[Exemplo 9]: [Off] Uma **pesquisa** feita no mês passado pelo Datafolha mostrou que 68% dos entrevistados apoiam o impeachment da presidente Dilma e 27% são contra. (Fala do repórter Caco Barcellos, *Profissão Repórter*, 06/04/2016, 25min 28seg, grifos nossos)

[Exemplo 10]: [Repórter] – Você participou das manifestações? [Sonora trabalhador] – Não, não. É **muita bagunça** né? Acontece muita coisa ali. Então é melhor assim pela televisão mesmo, entendeu? (Alcides Arcanjo, dono de pet shop) (...). (*Profissão Repórter*, 06/04/2016, 26min 18seg, grifos nossos)

[Exemplo 11]: [Sonora trabalhadora] [...] – Ah, porque a gente tem comércio, a gente que tem comércio...ah, e outra coisa, a gente **também tem medo do PT**. [Sonora trabalhador] – Eu não tenho tempo e **eu tenho medo do PT na rua**. Eu **tenho medo**. Eu não vou levar minha família lá pro meio de uma **multidão e PT com faca, facão na mão**. Eu não (...). (*Profissão Repórter*, 06/04/2016, 27min 43seg, grifos nossos).

Buscando abrigar-se em valores de objetividade, o programa faz referência às pesquisas feitas pelo Datafolha, instituto de pesquisa do Grupo Folha (exemplo 12). Uma delas traz dados sobre o impeachment, enquanto outra traça o perfil dos manifestantes contra e a favor do governo. A inclusão desses dados na narrativa configura uma estratégia discursiva de controle de tópicos e de pressuposição intertextual, assentadas no mito da objetividade das pesquisas de opinião.

As pesquisas possuem um significado pré-construído de veracidade e cientificidade compartilhado em nossa sociedade, tidas como inquestionáveis. Elas são inseridas como um pressuposto para o desenvolvimento das entrevistas que, por sua vez, impõem uma interpretação ao telespectador. O encadeamento de enunciados evidencia um certo direcionamento para criar uma polarização entre manifestantes contra e a favor do governo. Com esse recurso, o programa acaba por obliterar outros significados que poderiam ser suscitados em relação à crise política brasileira.

[Exemplo 12]:
[Domingo, 13 de março]
[Off Repórter Caco Barcellos] Os organizadores da **maior manifestação contra o governo** contaram **mais de dois milhões** de manifestantes. **Segundo Datafolha**, meio milhão de pessoas estiveram na avenida paulista. O Datafolha traçou o **perfil dos manifestantes** do dia 13 de março: 77% disseram ter curso superior, 37% ganham mais de dez salários mínimos, 6% até dois salários.

[Sonora Manifestante 1] **Aqui só tem gente boa.** Gente com um **bom nível de educação**, as pessoas são **gentis**, elas abrem espaço pro carrinho. Aqui **não tem perigo**. É **só gente boa**.

[Sonora Manifestante no palco]: Isso aqui é **só o começo**. A gente tem que aprender a **cobrar dos nossos** políticos **respeito** que **nós** merecemos como **cidadãos**. (*Profissão Repórter*, 06/04/2016, 7min e 32seg, grifos nossos).

A estratégia de controle de tópicos e agendas empreendida pelo programa se mostra na sequência de enunciados sobre o perfil e o depoimento de uma manifestante a favor do impeachment. A posição discursiva atribuída à manifestante produz sentidos na relação com o perfil dos manifestantes contra o governo Dilma, já que esses possuem alta escolaridade e renda. Daí decorrem novas conexões para construir o sentido sobre os manifestantes pró-impeachment, em comparação com manifestantes que ocupam a posição de sujeito petista, vinculados a um rol de valores negativos.

“Respeito”, “educação” e “cidadania” são itens lexicais presentes na formulação dos enunciados sobre os manifestantes contra o governo Dilma. Ao utilizar o sintagma “aqui não tem perigo” (exemplo 12) recupera-se o significado político e ideológico que o programa busca construir na relação de alteridade com o sujeito petista. Vestidos de verde e amarelo, os manifestantes cantam o hino nacional e gritam palavras de ordem, como “Fora PT”, “Polícia Federal, orgulho nacional” e “Moro”, referindo-se ao juiz Sérgio Moro que atua nos julgamentos da Operação Lava Jato.

Por outro lado, os manifestantes a favor do governo são representados pela cor vermelha, bandeiras do Che Guevara e balões da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Esses elementos acionam uma memória discursiva relacionada aos movimentos políticos de esquerda e “ativam pré-discursos, concebidos como operadores na negociação da partilha, da transmissão e da circulação do sentido nos grupos sociais” (Paveau, 2013, p. 149). O que é evidenciado pelo texto midiático do programa são “universos semânticos” (Paveau, 2013) formados por unidades simbólicas da posição discursiva do sujeito petista, reiterada no perfil de manifestante apresentado pelo repórter Caco Barcellos e na figura da militante Edva, que após as manifestações viaja para Cuba (exemplo 13):

[Exemplo 13] [Off Repórter Caco Barcellos] A maior mobilização na Paulista **contra o impeachment** reuniu 380 mil manifestantes, segundo os organizadores. O Instituto Datafolha contou 95 mil pessoas. 78% disseram ter curso superior. 24% ganham mais de 10 salários mínimos. 9% até dois salários.

[Repórter] (...) Você **já tinha ido pra Cuba antes?**

[Manifestante Edva] Ainda não, primeira vez. Primeira vez em Cuba.

[Repórter] E por que agora?

[Manifestante] Escolhi **a época certa** por causa do **Obama** e...os Rolling Stones. Aproveitei pra conhecer o país e ter o privilégio de ir num **momento histórico** como esse, né? (*Profissão Repórter*, 06/04/2016, 17min 53seg, grifos nossos).

Além da posição atribuída ao sujeito petista, outro ponto que destacamos são os sujeitos trabalhadores representados pelo *Profissão Repórter*. A desinformação é um dos sentidos que circula nos enunciados quando os trabalhadores são questionados sobre o processo de impeachment – sentido reforçado pela ausência de explicações sobre o processo durante o programa. Os sentidos ideacionais unem-se aos sentidos relacionais para provocar um efeito de coerência. Assim, os sistemas axiológicos embutidos em cada posição de sujeito no discurso deixam pistas da relação que estabelecem com outros enunciados e com o texto midiático como um todo.

Com isso, queremos destacar que à posição de sujeito “trabalhador de baixa renda” está implicada a estratégia de pressuposição, que relaciona os enunciados a valores culturais tidos como pertencentes a essa classe. As sequências a seguir respaldam-se em valores de despolitização do sujeito trabalhador, ao remeter à dúvida e à desinformação.

[Exemplo 14]: [Sonora trabalhadora 1]: Ah, **os políticos teriam que sair**, teria que ter um **impeachment... Ninguém sabe... porque... vai... de repente entra um pior... a gente não tem hoje em quem confiar.**

[Repórter]: Pra você qual que é a melhor saída agora?

[Sonora trabalhadora 2]: **Tirar essa mulher.** Tirar. **Mas e o que que vem?** A gente **não sabe também...**o que que tá vindo. **Não sei nem se é bom sair.** (Fala-povo, *Profissão Repórter*, 06/04/2016, 9min 34seg, grifos nossos).

A nosso ver, a posição de sujeito desinformado construída para o trabalhador no *Profissão Repórter* contraria a função do jornalismo de informar o cidadão e atuar como um agente produtor de realidades

sociais, citada por Motta, Costa e Lima (2004) ao tratar o jornalismo como “um processo sociocultural de produção, veiculação e absorção dos fatos do cotidiano, que atuam na construção social da realidade, à medida que se transformam em experiências compartilhadas do mundo” (p. 33).

O último bloco do programa mostra a cobertura de Caco Barcellos sobre a campanha da Fiesp, chamada #nãoovoupagaropato, e sua relação com o impeachment. Além de apresentar os funcionários responsáveis pela campanha, o jornalista faz uma visita à fábrica onde foi produzido um “pato gigante”, seu símbolo (exemplo 15):

[Exemplo 15] [Off Caco Barcellos] Essa é uma **fábrica de produtos infláveis**. Aqui **nasceu o símbolo** que nas ruas ficou muito conhecido na **campanha contra o governo**. Agora tá fazendo um aqui que parece ser muito grande.

[Repórter Caco Barcellos] – Que tamanho é esse aí?

[Funcionário] – Esse aí tem **20 metros de altura**

[Repórter] – Esse é o **maior de todos**?

[Funcionário] – Esse é o **maior de todos**.

[Repórter] – Que **quantidade de plástico** tem aí? (Repórter)

[Funcionário] – Esse tem um **quilômetro e meio de plástico**.

São **1.500 metros** (funcionário)

[Repórter] – Essa **parte laranja é o bico**? (...)

[Off Repórter Caco Barcellos] Bom, é um **pato de 20 metros** que vai ser inflado em Brasília, na terça-feira. Tão **trabalhando aqui a noite**, porque tem que ficar pronto até amanhã cedo pra viajar de caminhão até o Distrito Federal. (*Profissão Repórter*, 06/04/2016, 28min 48seg, grifos nossos).

Uma das possibilidades para tal enquadramento é pensar que há, na seleção desses fatos, uma estratégia discursiva inscrita na “política do silêncio”, em que é preciso apagar outros dizeres para dizer algo (Orlandi, 2007). Ao se reportar aos modos de produção da campanha #nãoovoupagaropato, o programa aponta para alguns sentidos ao mesmo tempo em que marginaliza outros. Por meio do detalhamento da forma de produção do símbolo da campanha, o *Profissão Repórter* imprime um tom contraditório, em que o sujeito trabalhador que anteriormente ocupava uma posição opinativa no discurso, agora, é o sujeito passivo, a mão de obra utilizada na produção da mascote das manifestações a favor do impeachment. Além disso, acompanhar as etapas de produção do pato-símbolo expressa a força econômica da Fiesp e sugere um “processo de comoditização” (Fairclough, 2016) no qual as ações políticas se mostram inseridas na lógica industrial e consumista. Desse modo,

as etapas de produção do pato gigante figuram tanto como ato político quanto como mercadoria.

Algumas Considerações

A análise das estratégias discursivas utilizadas para configurar o discurso do *Profissão Repórter* no episódio *Crise Política* (06/04/2016) permitiu fazermos algumas inferências sobre o modo como o programa retratou a crise política brasileira. O programa assumiu uma posição discursiva ligada à imparcialidade e à neutralidade, comum ao discurso jornalístico da Rede Globo e de outras emissoras. Essa posição está presente na construção narrativa, que escolheu representar os dois lados da questão – os movimentos pró e contra o impeachment – em um espaço aparentemente igualitário. Os dados numéricos e as pesquisas de opinião também simulam a neutralidade do discurso jornalístico do programa.

No entanto, uma análise mais apurada mostra-nos que o discurso do *Profissão Repórter* escolhe modos distintos de representação dessas manifestações. Na narrativa do programa, as manifestações do PT são vinculadas a sentidos de conflito, tensão e medo. Esses elementos são representados na figura do sujeito petista e remetem a uma memória discursiva do discurso comunista e suas simbologias, impregnada na cor vermelha. Essa construção discursiva é simbolizada pelos manifestantes contra o impeachment e reveste-se do discurso da emoção. De outro modo, as manifestações pró-impeachment são revestidas de sentidos de respeito, educação e defesa da pátria, materializando-se na figura do sujeito manifestante. Recorre-se a estratégias de deslegitimação do sujeito petista – associados à violência – e de legitimação dos manifestantes pró-impeachment, tidos como representantes legítimos da luta contra a corrupção.

A construção discursiva do programa parece orquestrar-se a outros veículos de comunicação das Organizações Globo e de conglomerados midiáticos brasileiros. Em Oliveira (2016), vemos que a cobertura das manifestações pró e contra o impeachment dos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *G1* deram destaque significativo às manifestações favoráveis ao impeachment, com abertura de páginas inteiras, fotos grandes e destaques para os

números de manifestantes, enquanto escolheram um tratamento mais enxuto para as manifestações contrárias ao processo. Tratam-se, nesse caso, de estratégias que superdimensionam o apoio da população brasileira à deposição da presidenta (Oliveira, 2016) e que se aliam, discursivamente, às estratégias do *Jornal Nacional* de deslegitimação da Dilma, do Lula e do PT (Van Dikk, online).

O olhar jornalístico relacionado a uma perspectiva de cidadania do *Profissão Repórter* parece ser apenas simulacro, dentro da estrutura das Organizações Globo. O programa não proporciona uma real problematização da crise política brasileira, pois não abre espaços de debate e de contextualização desse cenário. O programa não amplia as informações sobre o afastamento da ex-presidenta, concentrando-se em um jogo esvaziado e espetacularizado de antagonismos. A representação do sujeito trabalhador, relacionada à desinformação, aparece como um dos índices dessa abordagem. Junto a isso, vemos também o silenciamento dos significados dos termos “impeachment” e “golpe”, que não são explicados no decorrer do episódio. O jornalismo do programa exime-se de seu papel de formação da consciência política e social dos cidadãos brasileiros ao evitar a abordagem das complexidades da crise política.

NOTAS

- ¹ De acordo com a lei de número 1.079, de abril de 1950, qualquer cidadão pode denunciar o presidente ou ministro de Estado perante a Câmara dos Deputados, se entender que este praticou crimes de responsabilidade, ou seja, atos que atentem contra a Constituição. O eleitor deve apresentar carta com firma reconhecida e documentos comprobatórios. Dos 32 pedidos de impeachment protocolados contra a presidenta Dilma, 21 foram arquivados por falta de instrumentalização jurídica (<http://www.infomoney.com.br/mercados/politica/noticia/4209761/conheca-pedidos-impeachment-protocolados-contra-dilma-camara>).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Benetti, M., Gadret, D. (2017). O ethos do repórter de TV da Rede Globo. *Revista Intexto*, 39, 60-79.

Brasil. Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República.

(2014). *Pesquisa Brasileira de Mídia 2015*. Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília, DF: Secom.

Fairclough, N. (2016). *Discurso e mudança social* (2a ed.). Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Fairclough, N. (2010). A dialética do discurso. *Revista Teias*, 11(22), 225-234.

Jornal Zero Hora. (2015). Leia a íntegra do pedido de impeachment de Dilma aceito por Eduardo Cunha. Recuperado de <http://zh.clicrbs.zm.br/rs/noticias/noticia/2015/12/leia-a-integra-do-pedido-deimpeachment-de-dilma-aceito-por-eduardo-cunha-4921294.html>

Motta, L., Costa, G., Lima, J. (2004). Notícia e construção de sentidos: análise da narrativa jornalística. *Anais do Intercom*, 27(2).

Oliveira, H. (2016). Retrato das manifestações de rua no processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff: a construção da opinião pública pela mídia privada brasileira. *Revista Pauta Geral – Estudos em Jornalismo*, 3(2), 83-96.

Orlandi, E. (2007). *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. (6a ed.). Campinas, SP: Editora da Unicamp.

Paveau, M. (2013). Memória, des-memória, a-memória: quando o discurso volta-se para seu passado. Trad. Jocilene Santana Prado; Eduardo Lopes Piris. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, 5, 137-161.

Profissão Repórter. Caco Barcellos. São Paulo: Rede Globo, 6/04/2016, 23h. Duração 30 minutos e 2 segundos. Recuperado de <http://g1.globo.com/profissao-reporter/edicoes/2016/04/06.html#lv/4939063>.

Ramalho, V., Resende, V. (2011). *Análise de discurso (para a) crítica: O texto como material de pesquisa*. Campinas, SP: Pontes Editores.

Resende, V., Ramalho, V. (2004). Análise De Discurso Crítica, Do Modelo Tridimensional À Articulação Entre Práticas: Implicações Teórico-metodológicas. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, 5(1), 185-207.

Resende, F. (2012). Para um jornalismo de fricção: a delicadeza de não ter o que dizer. Em: Soares, R; Gomes, M. (org.) *Profissão Repórter em diálogo*. São Paulo: Alameda.

Wodak, R. (2004). Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. *Linguagem em (Dis)curso*, 4, 223-243.

Kalliandra Quevedo Conrad. Doutoranda em Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), na linha de pesquisa de Mídias e Estratégias Comunicacionais. Integrante do grupo de pesquisa Comunicação Institucional e Organizacional, vinculado ao CNPq. Tem como objeto de pesquisa no doutorado a tematização da cidadania no Programa Profissão Repórter. E-mail: kalliandra.facosufsm@gmail.com.

Natália Martins Flores. Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Pós-Doutora pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Integrante do grupo de pesquisa Comunicação Institucional e Organizacional (Poscom/UFSM) e Comunicação e Linguagem (PPGCOM/UFPE), ambos vinculados ao CNPq. Professora substituta do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). E-mail: nataliflores@gmail.com

Maria Ivete Trevisan Fossá. Doutora em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor Associado da Universidade Federal de Santa Maria, nível graduação, e docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, vinculada à linha de Mídias e Estratégias Comunicacionais. Líder do Grupo de Pesquisa Comunicação Institucional e Organizacional (Poscom/UFSM). E-mail: fossa@terra.com.br.

RECEBIDO EM: 29/04/2017 | ACEITO EM: 15/07/2017